



2 MEMÓRIAS CULTURAIS EM CONSTRUÇÃO: NOVAS FORMAS DE MEMÓRIA EM AMBIENTES ONLINE

GT - 03

*Carlos Henrique Rezende Falci**

Resumo

O propósito do trabalho é discutir experiências que buscam enfatizar a multiplicidade de vozes e experiências particulares que coabitam espaços em rede, principalmente aquelas que se fazem no cruzamento entre experiências locais ou regionais e a circulação e reorganização dessas experiências em redes sociotécnicas. A hipótese central baseia-se na tese de que as memórias coletivas, em ambientes *online*, são memórias utópicas e ucrônicas. Tais ambientes se conectam de tal modo aos acontecimentos que produzem cruzamentos interculturais e inauguram outros espaços de fronteira e de contato, ao mesmo tempo diferenciados e inter-relacionados às fronteiras dos ambientes não mediados por computador. Para discutir essa questão, será analisado o projeto *megafone.net*, cujo objetivo é permitir que pessoas em risco de exclusão social, em países da América Latina e em outros lugares do mundo, possam ter suas vozes amplificadas, ao utilizar as redes sociotécnicas para expressarem suas opiniões e experiências cotidianas.

Palavras-chave: memórias culturais; identidade cultural; exclusão social; memórias em rede

Resumen

El objetivo es discutir las experiencias que parecen poner de relieve la multiplicidad de voces y experiencias personales que conviven en el espacio de la red, especialmente los realizados en la intersección entre las experiencias locales y regionales y el movimiento y la reorganización de estas experiencias en las redes socio-técnicas. La hipótesis central se basa en el argumento de que las memorias colectivas, en entornos en línea, son los recuerdos y utópico ucrónia. Estos ambientes están conectados para los eventos que producen los cruces interculturales e inaugurar la frontera y otras áreas de contacto, si bien diferenciados y relacionados con los límites de los ambientes a través de ordenadores no. Para debatir esta cuestión, se considerará megafone.net proyecto, cuyo objetivo es permitir a las personas en riesgo de exclusión social en América Latina y otras partes del mundo, para que sus voces amplificadas mediante el uso de las redes socio-técnicas para expresar sus puntos de vista y experiencias diarias.

Palabras clave: memoria cultural; la identidad cultural; la exclusión social; los recuerdos de la red

* Doutor em Literatura pela UFSC, professor Adjunto da Escola de Belas Artes, UFMG, na área de Arte Mídia. Professor do programa de Pós-graduação em Artes da referida escola. Atualmente trabalha em projeto de pesquisa sobre memórias coletivas em ambientes programáveis.



Experiências de Mídia Alternativa e Cultura na América Latina

Introdução

Vozes de culturas distintas, amplificadas em redes sociotécnicas, produzidas cotidianamente, com uso de celulares, disponíveis em ambientes em rede? Essas experiências concretas provocam a pensar que as memórias coletivas, em ambientes em rede, são memórias sempre não terminadas. Tais ambientes se conectam de tal modo aos acontecimentos, no momento em que acontecem, que produzem cruzamentos interculturais e inauguram outros espaços de fronteira e de contato entre os grupos sociais aí presentes. As memórias coletivas produzidas em ambiente online devem ser entendidas como produção de novos acontecimentos, uma vez que a lógica de conexão a que obedecem é um híbrido construído por grupos que existem em função da comunicação em ambientes online.

As redes são locais sujeitos a variação constante, a uma instabilidade fundamental, propícios para o desenvolvimento de cibernarrativas. Essas, por sua vez, se configuram como todas e quaisquer narrativas que surgem para os seus participantes ainda não-estruturadas fisicamente, uma vez que os seus elementos devem ser construídos fisicamente pelos interagentes. O que parece acontecer, derivado dessa mistura, não é mais um resgate da memória, mas uma construção incessante de memórias culturais que se aproximam de uma memó-

ria comunicativa. Pretende-se analisar o projeto *megafone.net*, e verificar como se dá esse processo de intercâmbio entre memórias, nas práticas e processos desse projeto.

Memórias coletivas e Memórias culturais

Halbwachs (2006) afirma que nossas lembranças permanecem coletivas e elas nos são lembradas pelos outros. A reconstrução de um acontecimento funciona a partir de dados comuns tanto ao espírito individual quanto ao espírito dos componentes de um grupo social. Há um primeiro grupo de memória que diz respeito às memórias particulares de cada um, referentes aos interesses específicos dessa pessoa. E há um segundo grupo no qual essa memória particular serve de sustentação para a memória do grupo social em que a pessoa está inserida.

Como um acontecimento vivenciado por uma pessoa pode fazer parte de diversas redes vividas por essa pessoa, a memória desse acontecimento é sempre um momento transitório de percepção do evento e das próprias redes das quais o evento participa.

Uma determinada lembrança produzida por uma pessoa já contém em si várias formas de representação social. A memória individual surge então como um ponto de vista sobre a memória coletiva





Experiências de Mídia Alternativa e Cultura na América Latina

e esse ponto de vista se altera de acordo com o lugar que o indivíduo ocupa nas redes, e em função das relações entre as próprias redes. A memória coletiva pode ser pensada como uma rede, em que os pontos (indivíduos) estabelecem relações entre si, sendo que essa memória é, por essa razão, transitória e sempre mutável.

O conceito de memória cultural ajuda a estabelecer alguns parâmetros para delimitar o alcance da memória na construção das identidades culturais. Para Assman (1995), a memória cultural relaciona-se com todo conhecimento obtido através de práticas sociais repetidas ao longo do tempo, e pode funcionar como elemento que estrutura o comportamento e a experiência de vida de um grupo social. O alcance da memória cultural, na construção da identidade cultural de um grupo social, se daria pela delimitação em relação à memória comunicativa.

Para Assman (1995), a memória comunicativa seria demasiadamente instável para se configurar como uma cultura objetivada, e logo, como elemento capaz de identificar uma coletividade. Baseada na comunicação cotidiana, ela seria caracterizada por um alto grau de não especialização, instabilidade temática e desorganização. Apenas pela memória cultural um grupo poderia fixar sua cultura, objetivá-la a ponto de construir comportamentos formais e normativos

que permitiriam a esse grupo reproduzir sua identidade. Na visão proposta acima, a memória cultural seria construída pela cristalização de ritos, eventos, acontecimentos, os quais poderiam ter seus significados transmitidos através do tempo. É interessante notar que a institucionalização que caracteriza a memória cultural tem suas bases remontadas ao dia-a-dia.

A memória cultural solicita algum tipo de ordenamento e fixação temporal, o que comumente acontece quando essa memória se encontra registrada em suportes físicos, como a escrita em papel, a fotografia, as imagens em movimento etc. Os suportes físicos de registro da memória cultural parecem ser capazes de minimizar a velocidade de mutação das memórias coletivas, ao se dissociarem, aparentemente, da dinâmica do corpo social em que tais memórias foram produzidas. Leroi-Gourhan (1990) afirma que com os textos impressos os leitores se depararam não só com um enorme conjunto de memória coletiva, bem como foram confrontados com a impossibilidade de fixar completamente essa memória, uma vez que os suportes escritos permitiram a multiplicação incessante do registro dos fatos e acontecimentos de sua época.

Longe de fixar uma memória coletiva, os suportes físicos multiplicam as camadas de memória coletiva, uma vez que as variadas formas de registro dos fatos apenas intensificam a noção de que





Experiências de Mídia Alternativa e Cultura na América Latina

a memória não deixa de ser reconstruída, mesmo nos suportes que deveriam fixá-la. Essa intensificação termina por conduzir “a uma renúncia a uma temporalidade linear em proveito dos tempos vividos múltiplos, nos níveis em que o individual se enraíza no social e no coletivo. (lingüística, demografia, economia, biologia, cultura).” (LE GOFF, 2003, p. 467) A memória aparece não como resgate de um tempo acontecido, mas como a produção de um tempo específico, que penetra e transforma o tempo histórico, em função do modo como articula os fatos no momento presente, no momento de lembrança desses fatos. A lembrança produz uma percepção temporal instável, cujo sentido depende do modo como as camadas são organizadas num determinado instante, e dos suportes utilizados para apresentar tais camadas.

Os suportes em que se procura criar um registro sobre os acontecimentos vão se organizar, progressivamente, em outras redes de memórias. Essas, por sua vez, produzem relacionamentos diferenciados entre os seus conteúdos, o que modifica a percepção que cada um deles produziria se registrado isoladamente. Além disso, o desenvolvimento desses suportes (rádio, fotografia, celulares, televisão), em direção a possibilidade de registro do tempo “real” dos acontecimentos, conseqüentemente provoca uma reavaliação sobre a relação entre tais dispositivos e sua capacidade de produzir

memória.

Redes sociotécnicas e ambientes programáveis

A percepção do real não cessa de se modificar, em função da automatização das técnicas de representação e da manutenção de uma percepção particular dos objetos. É no embate entre esses modos de percepção que o real será cada vez mais “apresentado”, construído a partir das técnicas que supostamente deveriam somente representá-lo. Progressivamente, os modos de registro decompõem os elementos registrados e permitem sua manipulação livre, quase direta. A montagem de um filme já prefigura o que Manovich (2001) irá denominar como narrativa de bancos de dados.

Cada técnica de registro multiplica as camadas percebidas do real, provocando o sujeito a reorganizar sua percepção. A imagem do vídeo produz uma fragmentação ainda mais radical, uma vez que se trata de uma composição eletrônica, baseada em uma varredura sobre os pontos em uma tela eletromagnética. Ou seja, para que a imagem surja é preciso uma operação de síntese, agrupando esse sinal em pontos luminosos que se apresentam para o espectador no momento da varredura da tela.

“A sobreapresentação televisiva favorece assim a perda de memória e paralisa a antecipação reflexiva. Ela desenvolve, em





Experiências de Mídia Alternativa e Cultura na América Latina

contrapartida, uma capacidade aguda para captar uma multiplicidade de acontecimentos paralelos e caóticos.” (COUCHOT, 2003, p. 83)

Se para o autor há uma perda de memória, propõe-se aqui pensar a instauração de outra percepção sobre a memória, associada a multiplicidade de acontecimentos paralelos e caóticos.

Se há uma “erosão” da possibilidade de uma representação pura da realidade quando se trata das mídias eletrônicas, esse fato se acentua no momento em que as mídias digitais transformam os conteúdos em formas calculáveis e modeláveis. Esse modo de existência, associado a memórias coletivas, faz com que essas memórias estejam cada vez mais próximas de uma lógica ucrônica e utópica. Se a inscrição de fatos em suportes físicos mais rígidos pode celebrar uma memória coletiva já constituída, a questão deve ser analisada de outro ponto de vista, quando se trata das redes sociotécnicas, nos ambientes programáveis.

Nas redes sociotécnicas, as memórias surgem como memórias comunicativas e a meio caminho de se tornarem memórias culturais, porque são construídas em redes sociotécnicas. Uma rede pode ser definida como um diagrama formado num dado instante por uma pluralidade de pontos ligados entre si por uma pluralidade de ramificações (SERRES, 1968). A rede assim definida com-

porta vias mediadoras plurais, os seus pontos são plurideterminados, uma vez que a importância de cada um é definida pelas relações de reciprocidade que estabelece com todos os outros pontos aos quais está momentaneamente conectado (MUSSO, 2004).

Lev Manovich (2001) pensa as novas mídias a partir da representação numérica dos seus elementos, o que significa dizer que todo elemento da nova mídia pode ser descrito matematicamente e que esses elementos estão sujeitos à manipulação algorítmica. Desse primeiro princípio decorrem dois outros: a lógica da modularidade, e a da variabilidade.

Segundo o conceito de modularidade, os elementos dos ambientes programáveis existem como coleções de elementos discretos – pixels, polígonos, scripts etc. Um conteúdo presente nesses ambientes é uma colagem de coleções de dados discretos, que continuariam mantendo suas identidades separadas.

Essa estrutura modular fornece um alto grau de instabilidade para qualquer configuração de conteúdo em ambientes programáveis. Como consequência, cada objeto da nova mídia pode existir em versões infinitas, e pode ser construído sob demanda e em tempo real, obedecendo ao princípio da variabilidade. O que se produz então é uma narrativa baseada em bancos de dados, numa mistura en-





Experiências de Mídia Alternativa e Cultura na América Latina

tre formas de representação tradicionais, como a mimese, a trama, a narrativa; e formas de representação próprias de uma camada computacional – algoritmos, linguagem de programação, estruturas de dados, o que origina a transcodificação cultural.

A transcodificação cultural coloca em contato estruturas pensadas para conferir um sentido específico para conjuntos de dados (por exemplo, a narrativa tradicional) e estruturas programáveis (os ambientes computacionais). Entretanto, esse contato provoca um olhar mais acurado sobre tais estruturas, tanto por quem cria como por quem experimenta essas estruturas.

O modo de existência de um banco de dados indica que ele não é um produto para ser utilizado, mas um processo que cria relações entre conteúdos diversificados, e dessas relações surgem formas em constante estado de construção. Aquele que experimenta essa interface é também aquele responsável por construí-la fisicamente, por tornar o conteúdo visível para todos os outros participantes da rede.

Esses ambientes dependem tanto da lógica dos algoritmos que criam as relações entre os dados quanto do próprio conjunto de dados. Uma alteração no algoritmo altera a lógica de organização dos dados, e a rede construída a partir

daí muda.

Em ambientes programáveis a memória cultural se aproxima da memória comunicativa, e elas se contaminam. As características que definem a memória cultural são modificadas quando essas memórias estão em rede. E as redes funcionam a partir da lógica da memória comunicativa, de modo descentralizado, desorganizado, com constantes trocas de papéis entre os interagentes do grupo social, de maneira informal.

A identidade cultural de um grupo pode, assim, ser mais permeada por várias outras identidades, uma vez que esse grupo se coloca para funcionar e existir em redes sociotécnicas. E nesses ambientes tais grupos experimentam a criação de memórias culturais em permanente estado de construção.

Memórias culturais em construção: novas formas de memória

Andrew Hoskins (2009) utiliza o termo “*on-the-fly*”, para caracterizar a memória distribuída em redes digitais. Em função de se encontrar “distribuída” digitalmente, esse tipo de memória é ativamente construída e reconstruída o tempo todo, ou seja, enquanto está sendo formulada como registro de um acontecimento.

A memória cultural em redes





Experiências de Mídia Alternativa e Cultura na América Latina

digitais se aproxima cada vez mais do momento de acontecimento dos eventos, numa temporalidade comprimida, provocando um entrecruzamento com as memórias comunicativas. Nesse sentido, os mecanismos sociotécnicos atuais de registro da memória produzem modificações instantâneas dos fatos registrados, porque os colocam em novas redes de memória. Em busca desse tipo de memórias, analisamos aqui o projeto *megafone.net*, cujo resultado mostra justamente o que acontece quando a memória comunicativa aparece como memória cultural, e como essa última ganha um outro modo de existência quando está em redes.

Megafone.net¹ — culturas distintas constroem redes de memórias

O projeto *megafone.net*, concebido por Antoni Abad, se propõe a permitir que pessoas em risco de exclusão social possam ter sua voz amplificada, ao utilizar as redes sociotécnicas para expressarem suas opiniões e experiências cotidianas. Os grupos são provocados a registrar, em sons e imagens, através de celulares, suas experiências cotidianas, e postá-las em tempo real no site do projeto. Dentro da proposta foram criados vários subprojetos.

O modo de funcionamento de cada subprojeto segue uma estrutura similar: a produção de conteúdo é decidida

pelos próprios participantes, e discutida ao longo da experiência. Os participantes fazem uma primeira reunião, com os coordenadores do projeto, para explicações gerais. Nessa reunião os participantes decidem quais serão os canais coletivos de conteúdo do projeto, qual será o objetivo/a proposta de cada canal, como eles irão participar dos canais.

Cada participante também possui o seu próprio canal específico de produção. Ao longo da experiência, os participantes podem trocar mensagens multimídia em que discutem o que está sendo publicado, em tempo real. Além disso, são realizadas reuniões periódicas para discutir a evolução dos canais e quais serão os próximos passos da experiência. Percebe-se aqui como a identidade da própria comunidade está em constante negociação, de forma muito explícita e aberta entre todos os componentes. Potencialmente, os encontros são momentos em que a lógica das redes sociotécnicas produz uma aproximação e uma mistura entre as memórias comunicativas e as memórias culturais.

Em relação à interface utilizada, o software *megafone*, que é a plataforma colaborativa de publicação do conteúdo, possui algumas características que interessam na discussão sobre a relação entre memória comunicativa e memória cultural. Numa primeira análise, o software se apresenta como uma interface para faci-





Experiências de Mídia Alternativa e Cultura na América Latina

litar o uso do GPS e a transmissão das informações em tempo real. Mas é possível perceber que essa interface produz alguns usos específicos das informações coletadas, transformando-as no momento mesmo da sua captura.

Como a plataforma é colaborativa, a cada momento deve ser definido quem é o participante que produzirá conteúdos. Quando o participante inicia suas ações, a primeira definição é se ele será ou não o emissor ativo do grupo, num determinado momento. As imagens capturadas podem ser automaticamente geo-referenciadas e essas coordenadas acompanham a imagem quando ela é disponibilizada em rede.

Cada participante pode gravar até um minuto de áudio que será associado à imagem capturada. As imagens podem ser associadas a *tags* já existentes dentro da rede, ou o participante pode criar uma nova *tag* para a imagem capturada. Nesse movimento, a memória comunicativa pode se misturar com a memória cultural, uma vez que, ao “taggear” uma imagem, o participante do projeto já está inserindo essa imagem dentro de lógica de transmissão, de resgate e de permanência desse conteúdo.

Em relação ao conteúdo já editado e disponível no canal, os participantes autorizados do canal podem, com o auxílio do software, editar o conteúdo disponível em rede, acrescentando dados

a esse conteúdo.

Entre todos os grupos participantes, é comum a presença de quatro grandes áreas que foram propostas como estruturadores do conteúdo de toda a rede: seres, atividades, espaços e objetos. A criação das áreas foi realizada pela equipe de coordenação, com a colaboração de alguns pesquisadores de universidades espanholas. Dentro da cada área foram criadas *tags* para identificar o conteúdo, num conjunto total de 44 *tags*, também criadas pela equipe coordenadora do *megafone.net*. No caso das *tags*, como cada grupo pode criar suas próprias *tags*, há vários descritores que não estão dentro das 44 *tags* criadas pela coordenação do projeto. A possibilidade de criação autônoma das *tags*, pelas comunidades que participaram do projeto, demonstra, de maneira mais clara, a interpenetração entre a memória comunicativa e a memória cultural.

Outra característica importante para a análise é o fato de, em vários grupos, a produção de conteúdo ainda continuar acontecendo, mesmo depois do período anunciado de realização do projeto. Nesse caso, percebe-se que a manutenção da produção de conteúdo, para além de um período pré-determinado, mantém a rede ativa e mantém também a memória sobre aquele grupo em permanente estado de construção. Isso acontece, por exemplo, em alguns





Experiências de Mídia Alternativa e Cultura na América Latina

canais do projeto *Motoboys* da cidade de São Paulo, em que há registros datados de 2010, sendo que o projeto foi “oficialmente” realizado em 2007.

O uso de aparelhos celulares, que permite o registro constante de fatos do cotidiano, facilitaria essa percepção, por parte dos participantes? Como definir a memória pela lógica temporal, nesse caso, uma vez que os fatos continuam a ser registrados e a ser incorporados dentro dos canais simbólicos criados pela comunidade para organizar sua produção de conteúdo? Uma vez que esses canais seriam o elemento mais próximo de um conjunto simbólico organizado, formalizado, eles operariam como o equivalente da memória cultural.

Quando eles são constantemente atualizados, o que se faz é ir além da idéia de que toda memória cultural pode ser reinterpretada; amplia-se essa noção através da alteração física constante do canal, com o acréscimo de outros conteúdos. Assim, associados a uma *tag* encontram-se registros de momentos muito diferentes, indicando uma nova interpretação para aquela *tag* e também a sua atualização física, em tempo real. É o que se denomina aqui de memória em permanente estado de construção.

O subprojeto feito pela comunidade de taxistas da Cidade do México impressiona pela quantidade de imagens

realizadas pelo conjunto dos participantes (17 taxistas ao todo) sobre os mais variados assuntos. Em função da profusão de imagens, muitas vezes sem nenhum tipo de referência ou *tag* explícita, aparece aqui mais claramente a lógica de uma memória comunicativa, desorganizada, informal.

Entretanto, o enorme manancial de imagens permite indagar se essa não é uma memória cultural que nunca é registrada, e que talvez devesse constar também como sendo parte do contexto de uma comunidade específica, o que acabaria identificando essa comunidade. Assim, as imagens que aí se apresentam, embora pareçam ser fugazes, porque registram acontecimentos cotidianos, no seu conjunto, ao comporem uma larga quantidade do conteúdo do site, não são um registro que se transforma em memória cultural?

As análises realizadas permitem indicar alguns pontos-chave para caracterizar as memórias culturais em estado de construção, o que será feito à guisa de conclusão desse artigo.

Memórias culturais em rede: algumas conclusões

A análise do projeto *megafone.net* permite sugerir pelo menos três elementos-chave para discutir as memórias culturais em permanente estado de cons-





Experiências de Mídia Alternativa e Cultura na América Latina

trução. O primeiro elemento relaciona-se ao modo como a dinâmica das redes perpassa a construção dos conteúdos produzidos pelos grupos sociais nesses ambientes.

Uma rede é um mecanismo que auto-engendra a si mesma, e funciona de maneira autônoma. Ao analisar as memórias criadas pelos grupos sociais no projeto *megafone.net*, o que se percebe é o surgimento de um processo de discussão sobre a própria noção de identidade que definiria um grupo social qualquer. Mais que conteúdos estanques, o que os participantes criaram ali é um local de contato entre si, um local em que as ações cotidianas que produzem passam a funcionar como a sua visão de mundo, como aquilo que os identifica perante outros grupos sociais.

Percebe-se, nesse ponto, um contato entre a memória comunicativa e a memória cultural. Através da criação de redes baseados no registro do cotidiano, os grupos sociais em *megafone.net* colocam à prova para si e para todos os outros grupos, a sua própria capacidade de compreender o que os identifica, o que para eles pode funcionar como sua memória cultural. A memória aí produzida não está definitivamente encerrada, mas sujeita a constantes rearranjos, de maneira figurada e também de maneira física.

O segundo elemento baseia-se

na lógica do *tagging*. No caso do projeto *megafone.net*, as *tags* fazem com que cada conteúdo cotidiano passe a habitar uma estrutura narrativa fragmentada, porque é uma base de dados, mas ao mesmo tempo seja ressignificado porque está nessa base de dados. Como cada conteúdo está disponibilizado numa estrutura programável, a narrativa da base de dados não está nunca acabada, fisicamente falando.

A memória cultural aí construída não termina nunca de se fazer, porque os participantes da rede podem sempre criar novas visualizações para conteúdos já existentes, o que pode ser feito com a criação de novas *tags*. Em ambientes em que a criação de múltiplas narrativas não interfere fisicamente na estrutura íntima do objeto armazenado (“taggear” uma foto não muda fisicamente a imagem, mas a faz integrar outra rede de memória), é possível falar da coexistência de várias memórias culturais para um mesmo grupo social.

O terceiro elemento-chave se relaciona às interfaces fluidas utilizadas nos projetos, e o modo como elas participam da produção de conteúdo. Ao permitir o registro cotidiano permanente de fatos, a utilização dos celulares cria uma memória cultural que é atemporal num novo sentido, porque é constantemente atualizável. E a atualização se dá no mesmo momento em que os fatos acontecem,





Experiências de Mídia Alternativa e Cultura na América Latina

com o conteúdo sendo publicado em tempo real.

A disponibilização das informações em ambientes programáveis provoca uma memória cultural formada, ao mesmo tempo, pelas experiências dos grupos locais que a criaram; pela possibilidade de reorganização das informações em novas interfaces, dentro da própria web, por outros grupos, o que exige um contato mais íntimo com essas memórias; e pela necessidade de reflexão sobre os modos de comunicação das experiências cotidianas quando elas passam a construir redes e funcionar como pontos de conexão entre identidades culturais distintas, ao redor do mundo. Esses modos de comunicação surgem, cada vez mais, como momentos de contato entre as memórias comunicativas e as memórias culturais, em função das características associadas às redes sociotécnicas.



Referências bibliográficas

ASSMAN, Jan. *Collective memory and cultural identity* in: *New German Critique*, n° 69, 1995, pp. 125-133.
COUCHOT, Edmond. *A tecnologia na arte: da fotografia à realidade virtual*. Porto

Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
HOSKINS, Andrew. *The digital distribution of memory*. 2009. Disponível em <http://www.interdisciplinary.net>. Acessado em 23/01/2010.
LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.
LEROI-GOURHAN, Andre. *O gesto e a palavra*. Lisboa: Ed. 70, v. 2, 1990-2002.
MANOVICH, Lev. *The language of new media*. Cambridge: MIT Press, 2001.
MUSSO, Pierre. *A filosofia da rede* in: PARENTE, André. (org). *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
OLLICK, Jeffrey K; ROBBINS, Joyce. *Social memory studies: from "collective memory" to the historical sociology of mnemonic practices* in: *Annual Review of Sociology*, n° 24, 1998, pp.105-140, .
SERRES, Michel. *Hermes: uma filosofia das ciências*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

Notas

¹ Disponível em <http://www.megafone.net>. Acessado em 23/01/2009.

